

Tecnologia e mudança de hábitos fazem ofícios tradicionais perderem, a cada dia, mais espaço

_____ páginas 04 e 05



Arquivo Iepha/MG

Seguindo a tradição do pai e do avô desde os dez anos de idade, Ademir Matias é hoje um dos últimos tipógrafos de Belo Horizonte



PEQUENOS OLHARES
SOBRE O PATRIMÔNIO

Você conhece?



_____ Confira na página 08

Entrevista: Profissional da área, Antônio Fernando dos Santos fala sobre restauração pelo viés da ciência

_____ páginas 06 e 07



Divulgação Prefeitura de Poços de Caldas

Águas curativas são atrativo em Complexo Hidrotermal e Hoteleiro de Poços de Caldas, tombado pelo Iepha

_____ página 11

**Impresso
Especial**

7397091256-DR/MG
IEPHA/MG

...CORREIOS...

Editorial

| Preservação da memória em pauta

Nesta edição, colocamos em pauta ofícios que vão se perdendo à medida em que a cidade vai se tornando maior, a tecnologia traz novos avanços e, por consequência, a sociedade vai alterando seus costumes. O Bem Informado foi atrás de alguns desses profissionais – cada vez mais raros – que insistem em manter atividades tradicionais vivas, resguardando parte da memória da capital.

O resgate da memória também é destaque em matéria sobre a iniciativa realizada pelo município de Sete Lagoas, durante a edição 2010 da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural. Ações foram desenvolvidas com estudantes, buscando a valorização da ligação do desenvolvimento da cidade com a rede ferroviária.

Nosso entrevistado é o pesquisador e restaurador Antônio Fernando Batista dos Santos, funcionário do Iphan mineiro. Profundo conhecedor da obra de Aleijadinho, ele fala sobre a proposta polêmica de substituição dos profetas do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas, por réplicas – resguardando os originais dentro de um museu –; sobre as atribuições de autoria de trabalhos ao mestre do barroco; e ainda sobre sua tese de doutorado em conservação de tecidos, campo, segundo ele, pouco reconhecido no Brasil.

O Complexo Hidrotermal e Hoteleiro de Poços de Caldas é o bem tombado focado nesta edição. A cidade foi formada e se desenvolveu a partir da descoberta de suas fontes de água curativas, ainda no século 18. Ao longo tempo, Poços de Caldas vem atraindo turistas de todos os lugares em busca da que é conhecida como uma das melhores estâncias hidrotermais de todo o Brasil.

No mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, a iconografia traz a história da heroína francesa, Joana d'Arc, morta na fogueira e canonizada pelo Papa Bento XV em 1920. O meio ambiente também é tema na edição, em texto assinado por Júlio Mourão, coordenador do Núcleo de Gestão Ambiental do Iepha, em que explica a formação do núcleo, suas atividades e propostas.

A edição traz ainda texto sobre o aumento do número de registros de bens imateriais feitos em nível municipal. Desde janeiro de 2010, quando passou a ser atribuída pontuação a registros no ICMS Patrimônio Cultural, os municípios vêm se interessando em salvar essas manifestações.

Uma boa leitura a todos!

Beatriz Teixeira de Salles
Editora

Nossa missão é garantir à sociedade a acessibilidade e a fruição do patrimônio cultural, por meio da preservação, valorizando e respeitando a diversidade cultural de Minas Gerais.

Peças Desaparecidas

A imagem de São Tomé pertence ao acervo da Igreja Matriz de São Tomé das Letras e foi roubada em 1991.

A peça, em madeira policromada, é do primeiro quartel do século 19. Suas medidas são: 0,51m de altura; 0,24m de largura; e 0,13m de profundidade.

Informações pelo telefone (31) 3235-2800 ou pelo fale conosco no site do Iepha/MG.



Divulgação

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Governador: Antônio Augusto Anastasia

Vice-governador: Alberto Pinto Coelho

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Secretária: Eliane Parreiras

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS

Diretora de Planejamento, Gestão e Finanças: Mônica S. Grosso Avelino

BEM INFORMADO – INFORMATIVO DO IEPHA/MG

Textos e edição: Beatriz Teixeira de Salles (MG 03802JP)

Textos: Érika Santos (MG 012987JP), Ludymila Toledo (MG 11656JP)

Diagramação: Ludymila Toledo

Fotos: Izabel Chumbinho

Impressão em papel Reciclado 90g/m² - Tiragem: 2.600 exemplares - Periodicidade: mensal

Impressão e acabamento: Rona Editora



Praça da Liberdade, s/nº - 4º andar | CEP: 30140-010 Belo Horizonte - MG
Tel: 31 3235.2800 | Fax: 31 3235.2858 | www.iepha.mg.gov.br
Envie sua sugestão para: jornal@iepha.mg.gov.br

Pontuação de imaterial estimula registros

Durante a análise da documentação enviada pelos municípios interessados em pontuar no ICMS Patrimônio Cultural, os técnicos da Diretoria de Promoção do Iepha identificaram um aumento no volume de registros de patrimônios imateriais. No último ano, eram cerca de 80 e agora o número chega a 140, entre festas, congados, reinados, modos de fazer, cavalgadas e marujadas.

Segundo Carlos Henrique Rangel, coordenador de análise do ICMS do Iepha, apesar de o programa existir desde 1995, não existia uma legislação específica para patrimônio imaterial. “Após a publicação do Decreto 42.505/2002, instituindo as formas de registro de bens imateriais, foi possível alterar a deliberação do ICMS e, a partir de 2010, pontuar os municípios que salvaguardam suas

manifestações culturais. É muito interessante ver o trabalho dos municípios a partir de uma metodologia do Iepha”, diz Rangel.

O coordenador avalia ainda que houve uma significativa melhora nos relatórios apresentados. “As manifestações estão minimamente registradas em fotos, vídeos e depoimentos de participantes”, conta.

De acordo com Luis Gustavo Mundim, gerente de Patrimônio Imaterial do Iepha, é importante que, além de registrarem as manifestações, as prefeituras façam inventários dos patrimônios imateriais e que os envolvidos tenham condições de se autossustentarem.



Acervo Iepha/MG



Divulgação / Neno Vianna

À esquerda, o modo de fazer do queijo da região de Caldas. À direita, Festa de Nossa Senhora dos Remédios do Fundão da Cintra, em Ouro Preto

Grupo de trabalho se reúne para salvaguardar Queijo Minas Artesanal

No último dia 17, técnicos da Gerência de Patrimônio Imaterial do Iepha se reuniram com representantes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), da Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa), do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) e da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) para definir parâmetros e competências para registros do Queijo Minas Artesanal.

Segundo Luis Gustavo Mundim, gerente de Patrimônio Imaterial do Iepha, no fim de 2010, o Governo Estadual passou a considerar todos os queijos feitos a partir de leite cru como sendo artesanais. “Cabe agora ao Iepha, quando for o caso, definir se o modo de fazer o queijo de determinada região é tradicional e se deve ser salvaguardado como patrimônio estadual”, explica.

Nesse primeiro encontro, foi acertada a criação de um Grupo de Trabalho Interinstitucional, que deverá ser formalizado por cada órgão, para elaboração de um documento com os procedimentos necessários para solicitar o registro do modo de fazer. Após o Iphan ter registrado o modo de fazer o queijo de Minas, em 2008, muitos representantes de produtores procuram o Iepha querendo o registro. “Foi o caso dos produtores de Caldas; eles nos procuraram, mas não possuíam os documentos necessários. Com a elaboração dessas diretrizes, será mais fácil fazer o reconhecimento do queijo artesanal”, avalia Luis Gustavo. O conselheiro do Conep (Conselho Estadual do Patrimônio Cultural) e pesquisador da UFMG, José Newton Coelho de Meneses, também foi convidado para participar do grupo.

Últimos mestres de uma arte quase esquecida

Em uma pequena gráfica ainda ativa nos fundos de uma residência de BH, máquinas com décadas de história relembram, semiadormecidas, uma época de ouro em que trabalhavam noite e dia para dar conta das encomendas. O personagem no cenário, agora silencioso, é um tipógrafo apaixonado pelo ofício de toda a sua vida; hoje quase extinto por um mercado dinâmico e impaciente demais para valorizar a arte minuciosa dos tipos móveis que deram origem a todo e qualquer impresso. “O grande avanço da prensa de Gutenberg hoje é algo ultrapassado. Mas é só o que sei fazer e é o que vou continuar fazendo pelo resto da minha vida. Não existe um plano B para mim, que me sinto o ‘último dos moicanos’”, avalia Ademir Matias de Almeida.

Assim como a tipografia, muitos outros ofícios foram se modificando – ou mesmo desaparecendo – por conta da industrialização e das novas tecnologias e, principalmente, por uma rápida e gigantesca mudança de hábitos da sociedade nas últimas décadas. Fotógrafos lambe-lambe, ferreiros, afinadores de rabeca, chapeleiros, telegrafistas, condutores de bonde e projetionistas de cinema são apenas alguns de dezenas de profissionais que foram perdendo espaço e acabaram por desaparecer de vez ou se tornaram uma raridade com dias contados. Com eles, mais do que um estilo, uma técnica ou um saber, o que vai se perdendo é uma parte da história da construção e desenvolvimento de nossas cidades.

Percorrendo as ruas movimentadas, ou fixados em algum ponto do hipercentro belo-horizontino, os engraxates são daqueles que se confundem com a própria rotina da capital. De centenas no passado, eles hoje são cerca de 50 em toda a região Centro-Sul. “Foram muitos anos vendo a cidade crescendo, mudando. São muitas histórias de tanta gente que se sentou nesta cadeira nestes 25 anos que tenho de Praça Sete. Daria não só um livro, mas uma biblioteca inteira”, conta o engraxate Dijá Batista da Silva.

Muitos ofícios sucumbem pela escassez de consumidores interessados em um produto ou serviço por vezes considerado ultrapassado. Por outro lado, algumas profissões enfrentam a extinção pela falta de quem as leve em frente, ainda que sob grande demanda. Exemplo disso são os alfaiates que, mesmo com a popularização das confecções em massa, mantêm um público fiel. “Não dou conta da quantidade de serviço que recebo e não consigo achar um ajudante. Quando vem um, aprende o trabalho e dali a pouco não tem interesse em seguir o ofício e arruma outra coisa. Sou um animal em extinção”, ri o alfaiate Antônio Moreira, o Tônico.

Fazeres que, por gerações, eram passados de pai para filho tiveram como últimos aprendizes homens e mulheres que hoje, mesmo cansados, levam suas artes adiante e assistem entristecidos ao quase fim de uma paixão que lhes embalou a vida.

Acervo Tephra/MG



Relíquias de família

Em Itinga, há mais de 30 anos, o filho do relojoeiro da cidade terminou os estudos e foi seguir os passos do pai. Começou pelos despertadores e, só quando dominava todas aquelas pequenas engrenagens, passou para os relógios de pulso. Em 1968, José Silva Rego Filho decidiu tentar a vida na capital e logo se instalou numa relojoaria do centro. Assim como a cidade, o ofício foi mudando muito e com muita velocidade. “A todo dia aparecem novos recursos e funções, os mecanismos se modernizam e tem sempre alguma inovação. É preciso se manter informado, estudando, aprendendo e se reciclando sempre”, explica.

O mercado também é outro: “Relógios eram verdadeiras relíquias; tesouros de arte passados de pai para filho por várias gerações. Hoje, são acessórios descartáveis de R\$ 10 que têm fim junto com a bateria ou com a moda da estação. Não se manda para o relojoeiro, e sim para o lixo. O serviço só vai diminuindo e não tarda a acabar, junto com os velhos relógios de parede que ainda sobraram nas famílias”.

Nenhum dos cinco filhos de José quis aprender o ofício e ele revela que nunca teve um aprendiz a quem delegar a continuidade do que aprendeu com o pai. Pensa muito em parar de trabalhar, mas só por cansaço, nunca por desgosto. “Se voltasse no tempo não escolheria outra profissão. Seria sempre relojoeiro, é o que faço por amor”.

No coração da cidade

Ainda muito jovem, Dijá Batista da Silva gostava de ver os engraxates em ação, agradando os clientes com muito papo e estilosamente estalando seus panos no ar. De tanto ver, acabou aprendendo o ofício que hoje domina e pelo qual é famoso. São 25 anos na Praça Sete.

A clientela vai e volta, some por uns tempos e reaparece. Tem muitos que estão com ele há vários anos e todo dia tem gente nova. “O serviço, em compensação, diminuiu demais, e com tanto tênis, chinelos e sandálias, a média que era de 25 a 30 clientes, caiu para uns seis pares para engraxar por dia”.

O jeito foi oferecer outros serviços e, atualmente, o grosso de sua renda vem de pequenos consertos nos sapatos, colando solados ou trocando os “taquinhos” dos sapatos de salto. Assim como a grande maioria dos engraxates da cidade, Dijá deixou no passado a manobra de estalar o pano para encantar os clientes. Enquanto engraxa, conversa sobre futebol.



Acervo Tephra/MG

Senhor das letras



Dezenas de gavetas guardam as pequenas fontes de ferro que serão montadas uma a uma no clichê para que, como um grande carimbo, o tipógrafo Ademir Matias de Almeida faça manualmente as impressões dos pedidos que chegam cada vez mais espaçadamente. O trabalhoso processo acaba tendo altos custos e demorados prazos de entrega, se comparado ao mercado gráfico atual; o que o torna cada vez menos atraente ao cliente, senão pelo imensurável valor artístico que traz consigo.

De uma família de pais e avós de mesmo ofício, Ademir é hoje um dos últimos tipógrafos de Belo Horizonte. Talvez um dos dois últimos, ele acredita. “Mas a coisa mudou muito rapidamente e o que não mudava há 50 ou até há 500 anos virou de pernas para o ar em cinco. Eu não percebi, tão confiante que estava”, lembra o profissional de 62 anos que, desde os 10, trabalha nas máquinas que eram do pai.

Nesse meio tempo, houve épocas áureas e muitos funcionários. Um deles trabalhou para a família por 30 anos e só saiu aposentado. Outros dois aprenderam o ofício, abriram sua própria gráfica e, quando os ventos viraram, migraram como todos para o processo gráfico moderno. Há cinco anos, Ademir é o único empregado de seu próprio negócio e chega a passar até um mês sem serviço. “Tem sido muito difícil viver da profissão. Mas não apenas é tarde demais pra mudar, como eu não gostaria nunca de largar essa que é minha grande paixão. Sigo com ela até o fim”, conta.

Para garantir que a tipografia sobreviva às novas mídias, periodicamente, o tipógrafo recebe pequenas turmas de alunos de Design para um workshop, onde ensina um pouco do que sabe e incentiva os jovens a

viverem um dia no ofício, semeando sua arte aos que cresceram em um mundo muito diferente do seu. Ademir segue com seu ofício em sua gráfica artesanal livre de computadores, emails ou qualquer outra modernidade eletrônica.



Elegância em extinção

Aos 81 anos, Antônio Moreira é um daqueles homens à moda antiga como já não se fazem mais. O alfaiate garante que “um verdadeiro cavalheiro que respeita a mulher precisa ter também o seu glamour, assim como sua dama”. Fazer barba todos os dias, se perfumar, ser educado e puxar a cadeira são detalhes que se completam com um traje elegante, bem alinhado. “O homem que quer se destacar precisa de classe. Não dá para ser sempre essa coisa largada de bermuda e chinelo. Assim se anda em casa”, brinca seu Tonico.

Aos 13 anos de idade, a mãe costureira exigiu que aprendesse logo um ofício que lhe ocupasse o tempo. O aprendiz pegou gosto e seguiu entre linhas e tecidos que até hoje costuram seus dias. Em 1953, saiu de Patos de Minas para fazer a vida em BH. “Era a época da elegância, dos bondes, dos ternos alinhados e dos chapéus de lado. A cidade tinha 400 mil habitantes e mais de 200 alfaiatarias. Não existia isso de comprar roupa pronta. Hoje passamos os dois milhões de habitantes e são só uns quatro ou cinco alfaiates que continuam fazendo este tipo de trabalho todo artesanal”.

Tudo é feito à mão, com precisão e delicadeza nos mínimos detalhes para um resultado final simplesmente perfeito. As encomendas são tantas que seu Tonico se desdobra para atender. Entre os clientes, muitos de tempos antigos e até alguns famosos. “Recebo muita encomenda de jornalistas e de artistas, principalmente de músicos. Tem gente que vem até do Rio, uns que encomendam roupas tão trabalhadas que nem se preocupam com o preço, porque são peças únicas; não existe para comprar”.

Com muito bom humor, seu Tonico faz piada com toda essa modernidade que transformou o alfaiate em objeto de estudo de pesquisadores e em reportagens jornalísticas. “Já dei muita entrevista para jornal e televisão. Professores de universidade tomaram meu depoimento e fizeram um encarte. Mas o pior de tudo é que, pelo menos uma vez por semana, aparece algum fiscal do Ibama para saber se estou confortável no meu habitat. Sou bicho em extinção. E vou continuar enquanto conseguir”, conclui rindo.





Em defesa da preservação com ênfase na ciência

Joana Teixeira



Você participou do grupo interdisciplinar que fez um diagnóstico em um dos ícones da arte barroca mineira, os profetas do adro do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas. O que destaca neste trabalho?

O Projeto IDEAS, pesquisa interdisciplinar na área de preservação de material pétreo, no caso a pedra-sabão, teve como um dos objetos de estudo o conjunto escultórico do adro da Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Um dos objetivos principais foi conhecer com maior profundidade a obra escultórica em pedra-sabão do escultor Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e identificar em detalhes os problemas e as causas da deterioração do seu suporte. O trabalho, coordenado pelo Centro Tecnológico de Minas Gerais, contou com uma equipe interdisciplinar composta por técnicos brasileiros – Iphan/MG, Iepha/MG, UFMG, Ufop – e das universidades de Aachen, Hamburgo, Oldenburgo e Munique, na Alemanha. Esse projeto teve um caráter totalmente inédito, quando as várias instituições investiram em pesquisas e estudos visando à sua preservação. Ressalta-se que esse material apresenta grande complexidade, no que se refere à degradação e às intervenções de restauro, e por outro lado não teve dedicado nenhum estudo científico sobre a sua conservação.

A investigação resultou em um diagnóstico aprofundado das esculturas, das condições ambientais a que estavam submetidas, bem como na definição e aplicação de um biocida para eliminação dos microorganismos que colonizavam a superfície do suporte pétreo. É importante ressaltar que o problema de maior complexidade dessas obras estava na colonização por microorganismos e o projeto resultou na aplicação do biocida que atuou no metabolismo deles,

Em entrevista ao Bem Informado, Antônio Fernando Batista dos Santos fala sobre o trabalho realizado nos profetas do adro do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos em parceria com técnicos alemães, sua tese de mestrado e as polêmicas em torno de Aleijadinho.

Toninho é graduado em Comunicação Visual pela Universidade Mineira de Arte, especialista em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis pela UFMG e em Arte e Cultura Barroca pela Ufop, mestre em Artes Visuais com concentração em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis pela UFMG/Cecor e doutor em Artes Visuais – Conservação e Restauração do Patrimônio Histórico-artístico pela Universidade Politécnica de Valencia (Espanha). É restaurador do Iphan e professor do Curso de Design da Universidade Fumec.

eliminando-os sem a necessidade de uma ação abrasiva sobre a pedra – o material apresenta grande fragilidade, e qualquer abrasão, por menor que fosse, estaria removendo material pétreo da superfície das esculturas, interferindo nos relevos originais.

Esse trabalho foi concebido em parceria com a Alemanha, país experiente em conservação de monumentos. O trabalho feito lá é parecido com o desenvolvido em Minas Gerais?

O trabalho em cooperação com a Alemanha ocorreu até o final dos anos 90. Por meio do contato com os técnicos e as instituições alemãs, foi possível perceber o grande domínio e conhecimento sobre os materiais pétreos e seu comportamento, os agentes de deterioração e os mais novos materiais e técnicas de restauro. Porém, em termos de critérios e filosofia de restauro, tínhamos uma visão um pouco distinta do grupo alemão. É importante considerar que a nossa formação sempre esteve mais voltada para a linha originária das escolas italianas de restauro, onde se busca um maior respeito ao original, se defende uma menor intervenção e se evita a execução de grandes complementações de lacunas.

Há uma proposta um tanto quanto polêmica de se substituir as esculturas dos profetas por réplicas e colocar as originais em um museu para preservá-las. Qual a sua opinião?

Infelizmente, os brasileiros têm um péssimo gosto por importar referências europeias, mesmo que sejam ideias ultrapassadas e totalmente em desuso na Europa. É o caso da definição, por pessoas totalmente leigas e

descompromissadas com a preservação do patrimônio, pela “simples” remoção das esculturas dos profetas do adro da Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos para a guarda e exposição em um museu. Destaco o simples porque a remoção e guarda das esculturas em lugar “protegido” contra as intempéries e vandalismo não irá solucionar a questão da preservação do conjunto escultórico. Uma definição radical e complexa como esta requer um minucioso estudo, análise de riscos e uma proposta altamente adequada, tanto em questões técnicas, quanto no que se refere à museografia e museologia; o que até o momento, pelo que conheço, não foi apresentado.

Tecnicamente tenho por obrigação discordar radicalmente da proposta, já que é possível a manutenção e conservação das esculturas no seu lugar de origem e, muito seguramente, com ações de conservação preventiva que nada irão interferir na proposta primitiva do artista escultor. Discordo também por questões conceituais, por considerar que o conjunto escultórico dos profetas faz parte de uma grande obra, composta pelo conjunto das capelas dos Passos da Paixão, pelo adro, pela Basílica e ainda pela paisagem que envolve todo o Santuário e seu adro. A retirada das esculturas representará a remoção de um fragmento da obra, resultando na mutilação do seu todo. Sobre o assunto é importante remeter ao crítico de arte James Beck no seu estudo *A restauração de obras de arte, negócio, cultura, controvérsia e escândalo*, em que descreve sobre os direitos de uma obra de arte. Por esse viés devemos pensar que a obra escultórica de Antônio Francisco Lisboa, executada para compor o adro da Basílica, tem o direito “digno” de ser mantida e apresentada no lugar no qual ela foi originalmente concebida e admirada por mais de 200 anos. É importante ressaltar que esse é o meu pensamento como pesquisador sobre o tema e conservador e restaurador de bens culturais.

Você fez doutorado em conservação de tecidos. Como você avalia esse campo no Brasil?

O campo de estudos relacionado à arte têxtil é, de certa maneira, uma novidade. E não é exclusividade do Brasil; na maioria dos países os materiais têxteis estão sempre em segundo plano. O que é impressionante e muito interessante é o fato de que, se recuamos um pouco no tempo, percebemos nitidamente a importância que o material têxtil apresentava em épocas passadas. A seda era um dos materiais considerados de maior nobreza e, portanto, era utilizada para a forração dos lugares de maior importância e destaque no interior das edificações, principalmente religiosas. Da mesma maneira, documentos antigos comprovam a importância e nobreza desse material: paramentos e indumentárias sagradas de seda lavrada estão sempre listados como os primeiros itens nas relações dos inventários, até finais do século 18, antes mesmo dos trabalhos de ourivesaria e prataria.

Creio que não existe carência de tecnologia na área dos têxteis, no Brasil. Existe, sim, uma falta de interesse das autoridades da área de preservação em trabalhos de pesquisas e com maior ênfase na ciência. A restauração no Brasil, infelizmente, ainda passa por um trabalho “artesanal” e voltado para o “fazer”, onde qualquer pessoa com certa habilidade se torna um restaurador, e restaurar uma escultura implica em refazer partes faltantes, elaborar retoques em cores novas e concluir com a aplicação de um verniz brilhante e reluzente. Por outro lado, atualmente, tenho esperanças de que, com a criação do curso de graduação na área de conservação e restauro, na UFMG, a questão possa tomar um novo rumo, um trabalho mais voltado para a ciência do que para o simples fazer.

Você tem um estudo sobre *A pintura de seda fingida nas igrejas rococó em Minas Gerais*. No que a pintura de seda difere da pintura ilusionista?

A pintura em imitação de seda, ou pintura de seda fingida – categoria de arte empregada no interior rococó das igrejas de Minas –, que identifiquei e estudo na minha tese de doutorado –, pode, no meu entendimento, ser também considerada uma pintura ilusionista, já que se trata de uma “imitação” de um material têxtil e, de certa forma, um *trompe l'oeil*, ou seja, pintura que tem o objetivo de enganar o olho do observador. Esta categoria de arte se identifica como uma pintura de caráter meramente decorativo, e tem como objetivo suprir a carência do material têxtil na decoração dos templos, em que os motivos florais têm como inspiração e referência os padrões ornamentais da seda lavrada originária de países europeus. Enquanto a primeira teve como referência os motivos dos tecidos de seda lavrada, indumentárias e paramentos sagrados, a ilusionista se inspira nas gravuras de bíblias e missais religiosos.

Como estudioso de Aleijadinho, você acha possível que alguma obra atribuída a ele tenha sido executada por seus aprendizes?

É importante ressaltar que as duas únicas esculturas devocionais de Antonio Francisco Lisboa, com autoria comprovada por documentação, são as de São Simão Stock e São João da Cruz, do acervo da Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Sabará. No caso das esculturas dos Passos da Paixão, do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas, apesar da fatura do conjunto estar documentada como de sua autoria, não se tem referência documental das peças executadas pelo mestre, lembrando que ali ele teria trabalhado com um grupo de oficiais.

Em 2002, publicamos um estudo sobre a obra devocional de Antonio Francisco Lisboa, *Aleijadinho e sua oficina: catálogo das esculturas devocionais*, em parceria com a historiadora da arte dra. Myriam Ribeiro e o pesquisador Olinto Rodrigues dos Santos Filho. O livro curiosamente causou grande polêmica, por desagradar colecionadores insatisfeitos pelo fato de obras de seus acervos não constarem do catálogo dedicado ao mestre escultor. No estudo, a partir de uma análise de grande número de esculturas atribuídas ao mestre e a sua oficina, o que fizemos foi apresentar cronologicamente, segundo nosso entendimento, obras de autoria do artista, obras realizadas em parceria com seus oficiais e outras realizadas por aprendizes ou seguidores do seu estilo. Dessa maneira, acredito que muitas das obras atribuídas são, em verdade, de aprendizes, seguidores do seu estilo e outros mestres não identificados.

E o que é fato é o que é lenda sobre Aleijadinho?

Eu prefiro ficar com os fatos e deixar a lenda para os leigos e “apaixonados” pelo barroco e pelo Aleijadinho. No meu entendimento, o fato é que o estudo da arte mineira começa com trabalhos realizados por célebres nomes que, apesar de grande competência e conhecimento sobre o patrimônio nacional, não eram especialistas em história da arte e, portanto, se equivocaram em algumas análises, atribuições e informações que, hoje consagradas pela notoriedade dos seus autores, são difíceis de reverter. Ainda é grande o número de trabalhos pouco científicos, às vezes elaborados de forma tendenciosa, sobre a arte mineira e o tema Aleijadinho. Infelizmente, estes trabalhos são citados de forma idêntica aos realizados com mais propriedade e de caráter científico, e são colocados em um mesmo plano de discussão.



PEQUENOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO

Chafariz do Rosário – Sabará

O detalhe que ilustra o Pequeno Olhar desta edição pertence ao Chafariz do Rosário, localizado no Largo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Sabará. A peça, de alvenaria em pedra, foi construída em 1752 e é tida como o mais belo exemplar sabarense.

A fachada lembra a de um frontispício de igreja, com uma cruz na parte superior, ladeada por curiosos ornatos barrocos em volutas em todo o coroamento. Traz ainda outros ornamentos em pedra sabão, como uma coroa e um escudo e as duas carrancas, de cujas bocas jorram água. As armas portuguesas foram arrancadas por ocasião da Independência do Brasil.

Um fato interessante sobre o chafariz é que a peça lembra, por suas linhas arquitetônicas, os trabalhos encontrados na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, também localizada em Sabará, em nada tendo a ver com as linhas da Igreja do Rosário, em cujo adro se localiza.



BLOCO DE NOTAS

| Delegação internacional

O Iepha recebeu em fevereiro estudantes de mestrado do Instituto de Planejamento e Urbanismo da cidade de Lille, no Norte da França. Matthieu Guiot e Lucie Morere vieram conhecer a estrutura do Instituto e suas principais ações para a preservação do patrimônio cultural. Durante a visita, foram apresentadas as linhas gerais de atuação do corpo técnico, além da documentação enviada pelas prefeituras mineiras para pontuação no ICMS Patrimônio Cultural. O registro de bens culturais realizados pelos municípios, como as festas de Congado, chamou a atenção dos visitantes.

A missão francesa, que veio a Minas Gerais com o objetivo de realizar um estudo comparativo entre a Região Metropolitana de Belo Horizonte e a de Nord Pas-de-Calais, faz parte de um conjunto de ações do acordo de irmandade assinado pelo Governo mineiro com a região da França, em 2008. O Estado e a província francesa têm grande identificação por terem a sua história cultural e econômica ligadas à atividade mineradora.

| Delegação Paulista

Já no último dia 17, o Instituto recebeu a visita de representantes do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo – Condephaat. Elisabete Mitiko Watanabe e Débora Regina Neves vieram conhecer a experiência do Iepha com o registro de patrimônio imaterial com intenção de implantar processo similar em São Paulo. Luis Gustavo Mundim, gerente de Patrimônio Imaterial do Iepha, apresentou a metodologia utilizada, legislação estadual, portarias do Iepha e as dificuldades já superadas. “A visita foi muito boa porque é um reconhecimento do Iepha como incentivador do patrimônio imaterial”, comemora.

O ICMS Patrimônio Cultural também foi apresentado. Elisabete e Débora se declararam surpresas com o trabalho desenvolvido pelos municípios. “Saímos da reunião com a proposta de um novo encontro entre as instituições e laços mais estreitos”, revela Carlos Henrique Rangel, coordenador de análise do ICMS do Iepha.

| Imagem de Sant'Ana é desafio no ateliê

A equipe da Gerência de Elementos Artísticos (GEA) do Iepha tem um novo desafio. Trata-se da restauração da imagem de Sant'Ana, da Igreja Matriz de São José das Três Ilhas, distrito de Belmiro Braga. Datada provavelmente do século 19, a imagem de 80 centímetros faz parte do acervo da matriz, tombado pelo Iepha desde 1997.



Segundo Yukie Watanabe, gerente da GEA, trata-se da peça com maior extensão e profundidade de degradação em seu interior de que ela se lembra ter sido recebida para restauração no ateliê. “Será preciso desenvolver uma metodologia de complementação e consolidação de suporte em uma dimensão que nunca tivemos antes. A peça está quase totalmente oca e apresenta praticamente só a camada de policromia, sustentada por algumas estruturas de veio da madeira”, conta.

Uma viagem de trem ao passado de Sete Lagoas

Fotos: Gilberto Avelar / Sec. Munic. de Cultura de Sete Lagoas



Durante a 2ª edição da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural, realizada em setembro de 2010, moradores e turistas de Sete Lagoas, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, puderam conhecer um pouco mais sobre a história da cidade e sua ligação com a rede ferroviária.

Durante três dias foram realizadas diversas ações – peças de teatro, apresentações de música e dança, jogos educativos, contação de histórias, visitas dirigidas a museus, mostra de cinema, exposição de artes e fotografia – tendo como tema o patrimônio ferroviário.

Segundo Gilberto Ferreira Avelar, coordenador das ações e diretor do Departamento de Museus de Sete Lagoas, a escolha do tema se deu para que a população passasse a usar os dois museus locais como espaços não só de pesquisa, mas também de vivências. “A cidade possui dois museus, o Ferroviário e o Histórico. O primeiro é mais técnico e o segundo guarda a memória local. A proposta foi trabalhar esses dois espaços de forma que a população se identificasse com eles”, revela Avelar.

Uma das ações que chamou bastante atenção foi o CineArte no Vagão, em que cerca de 70 alunos do ensino fundamental das escolas estaduais Dr. Arthur Bernardes e Dr. Ulisses de Vasconcelos Costa participaram de uma sessão de cinema no interior do vagão-escola, com exibição do documentário sobre a Rede Ferroviária Federal S.A., *O Trem* (produzido pela Rede Minas). “Este vagão foi construído na década de 1960, com modificações para funcionar como sala de aula, e foi muito

utilizado para treinar e qualificar funcionários da ferrovia. Igual a este havia somente dez no Brasil, sendo quatro em Minas Gerais, mas acreditamos que somente este está preservado”, relata Avelar.

Já no Museu Histórico, a ação que animou os cerca de 90 alunos da Escola Estadual Dr. Arthur Bernardes e do Instituto Regina Pácis foi a Oficina *Poesia no Varal*. Após ouvirem um breve relato sobre a memória histórica de Sete Lagoas, os estudantes produziram textos e poesias que depois foram colocados em um varal montado nos jardins do museu.

A valorização da cultura popular também ganhou destaque na exposição *Cultura viva! – Artes Plásticas*. O artista Erlei Pereira, nascido em Sete Lagoas, produziu telas representando as manifestações da cidade – Congado, Moçambique, Folia de Reis e Pastorinhas – que ficaram expostas no Museu Ferroviário.

Para fechar a participação do município na Jornada, foi organizada uma caminhada, partindo do Museu Ferroviário e passando por vários pontos históricos. Durante o percurso houve apresentação de fanfarra, bandas de música e de grupos de teatro. Segundo Avelar, a participação das escolas, instituições, artistas e público em geral foi “de fundamental importância para alcançar os objetivos propostos de sensibilização, socialização e valorização da diversidade cultural de Sete Lagoas”.

| Museu Ferroviário

Erguida por ingleses, a Estação Ferroviária de Sete Lagoas foi inaugurada em 12 de setembro de 1896. A construção de pedra, cal, areia e forro de madeira de pinho de Riga, é marco da primeira expansão urbana do município, antes concentrada ao redor da Igreja de Santo Antônio. No dia 19 de dezembro de 1992, exatamente às 18h, passou por ela o último trem.

Em 2000, a estação foi transformada no Museu Ferroviário de Sete Lagoas que preserva toda a história da ferrovia, através de fotografias, uniformes, quepes, relógio de ponto e um grande número de ferramentas. Na área externa, encontram-se em exposição um antigo vagão de passageiros e as locomotivas números 1015 e 07, tombadas pelo Conselho Municipal de Patrimônio em 2007.



Para manter viva a memória dos ferroviários, todos os dias a sirene é soada em horários estratégicos, lembrando o início e término de mais um dia de trabalho.



Alunos assistem a filme no vagão escola e visitam acervo do Museu Ferroviário durante iniciativa pela Jornada do Patrimônio

Atividades do Núcleo de Gestão Ambiental do Iepha

* Júlio de Miranda Mourão

Na Semana do Meio Ambiente de 2009 foi assinado o Acordo de Cooperação Técnica e Institucional, “que entre si celebram a Semad e os órgãos e entidades da Administração Pública Estadual que dispõem de Núcleos de Gestão Ambiental, na forma do Dec. 43.372, de 05/06/2003”. A Secretaria de Estado de Cultura e o Iepha são signatários, junto com 36 outras instituições. Esse programa foi concebido a partir da constatação de que a dimensão ambiental está presente em todos os setores da administração estadual, mas sem que houvesse uma articulação entre tais setores e o Sisema (Sistema Estadual do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável). O programa NGA (Núcleo de Gestão Ambiental) é coordenado por Augusto Horta, atual secretário adjunto da Semad.

Foi, assim, instituído no Iepha o seu NGA, de que participam os técnicos Júlio de Miranda Mourão (coordenador), Angela Dolabela Canfora, Joacir Silva Concelos, Pedro Gaeta Neto e Daniele Gomes Ferreira.

Em abril de 2009 foi realizada a Oficina 3, convocada pela coordenação geral do programa, em que cada entidade presente pactuou com os técnicos da Semad projetos que tinham interface com a dimensão ambiental. A equipe do Iepha pactuou seis projetos, descritos a seguir:

1- Siam – Sistema Estadual de Informações sobre o Meio Ambiente: Treinamento de técnicos do Iepha no acesso à plataforma, já realizado.

2- ZEE – Zoneamento Ecológico/Econômico: Além do treinamento dos técnicos do Iepha no acesso ao ZEE, foi disponibilizada uma vaga no curso de treinamento avançado no manejo da ferramenta, coordenado pela Universidade Federal de Lavras, que teve a participação de Daniele Ferreira, da GPO.

3- Licenciamento cultural/ambiental – embasamento jurídico: encontra-se em fase de composição da comissão encarregada de elaborar o projeto de resolução conjunta Cultura/Meio Ambiente, disciplinando a matéria. Este projeto tem coordenação de Angela Dolabela, da GID.

4- Orientação quanto à proteção do patrimônio edificado de propriedade do IEF, situado no interior de parques estaduais. A cargo da DCR, o projeto é acompanhado por Joacir Concelos, da GAP, e já realizou várias visitas técnicas.



^ Serra do Caraça, monumento natural tombado pelo Iepha desde 1989, emoldura o centro de Catas Altas

5- Oficina 2010, para desenvolvimento de metodologia de proteção a Monumentos Naturais, realizada entre 12 e 14 de maio de 2010.

6- Elaboração de Caderno Técnico sobre Metodologia de Proteção a Monumentos Naturais, com ênfase em inventário e tombamento. Baseado nas conclusões da Oficina 2010, está em desenvolvimento, sob coordenação de Júlio Mourão, da GPM.

| Por que o Iepha se interessaria agora por Monumentos Naturais?

A proteção ao Patrimônio Natural aparece no estatuto do Iepha como um de seus objetivos: “O Iepha/MG tem por finalidade pesquisar, proteger e promover os patrimônios cultural, histórico, natural e científico, de natureza material ou imaterial, de interesse de preservação no Estado de Minas Gerais, nos termos da legislação estadual que dispõe sobre a matéria”.

Há uma excelente metodologia de proteção ao patrimônio material edificada desenvolvida pelo Iepha, mas há necessidade de se refinar metodologia para proteção aos monumentos naturais. O desenvolvimento dessa metodologia deverá ser feito com a colaboração de outros órgãos da área ambiental, sobretudo os integrantes do Sisema, que já têm uma importante experiência acumulada no assunto.

As três áreas-fim do Iepha serão beneficiadas com a elaboração de tal metodologia: a Diretoria de Promoção (DPR), com diretrizes de avaliação de dossiês de tombamentos municipais; a Diretoria de Proteção e Memória (DPM), na elaboração de inventários e dossiês de tombamento de ocorrências naturais em nível estadual, bem como em processos de Licenciamento Cultural; e a Diretoria de Conservação e Restauro (DCR), na orientação de vistorias e análises de projetos de intervenção e fiscalização de obras em monumentos naturais tombados.

Como benefício adicional, esse trabalho contribuirá para se estabelecer maior integração entre órgãos das áreas da Cultura e do Meio Ambiente.



Complexo Hidrotermal e Hoteleiro – Poços de Caldas



A história de Poços de Caldas começou a ser escrita a partir da descoberta de suas primeiras fontes e nascentes, no século 18. As águas raras e com poderes de cura foram responsáveis pela prosperidade do município desde o início, quando as terras começaram a ser ocupadas por ex-garimpeiros, desiludidos com o declínio da atividade aurífera na região das minas.

A fama do poder curativo das águas se espalhou rapidamente, fazendo com que grande número de pessoas, na maioria doentes, buscasse o local. Em 1886, começou a funcionar na cidade uma casa de banho, usada para tratamento de doenças de pele. Em 1889, foi fundado, por Pedro Sanches, outro estabelecimento para o mesmo fim, fazendo captação na Fonte Pedro Botelho. Ali, a água sulfurosa subia até os depósitos por pressão natural. O balneário não existe mais. Em seu lugar foram construídas, no final dos anos 1920, as Thermas Antônio Carlos.

O Complexo Hidrotermal e Hoteleiro de Poços de Caldas é considerado uma das melhores estâncias hidrominerais de todo o Brasil, com lagos, vales, belíssimas cascatas e numerosas fontes com águas medicinais de propriedades curativas.

O complexo, situado na área central da cidade, encontra-se delimitado pelas vias Praça Pedro Sanches, Avenida Francisco Salles, Rua Amazonas e Rua Junqueiras. Ocupa aproximadamente 120 mil metros quadrados e dispõe-se em seis blocos: parte do Parque José Affonso Junqueira, a Praça Pedro Sanches, as Thermas Antônio Carlos, o Palace Hotel, o Parque Infantil Darcy Vargas e a Praça Getúlio Vargas.

O Complexo Hidrotermal e Hoteleiro de Poços de Caldas foi tombado em 1989 no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (Constituição do Estado de Minas Gerais).

| Parque José Affonso Junqueira

Idealizado no final da década de 1920 pelo arquiteto Eduardo Pederneiras, com colaboração do engenheiro Ramos de Azevedo, o parque destaca-se por seu grande valor paisagístico e pela diversidade de ambientes como o pergolado, as pracinhas e a fonte luminosa, que proporcionam atmosfera calma e acolhedora para aqueles que buscam descanso e lazer.

| Praça Pedro Sanches

É articulada em eixos e possui dois monumentos: Minas ao Brasil e Dr. Antônio Carlos. Do eixo central, obtém-se uma interessante perspectiva da fachada leste do Palace Hotel.

| Thermas Antônio Carlos

O edifício impõe-se pela sua monumentalidade, evidenciada por grandes vãos em arco pleno e pela escadaria na entrada social. Sua arquitetura reflete o gosto eclético, com predominância de elementos decorativos do repertório neoclássico. Em algumas salas ainda é possível encontrar mobiliário, equipamentos e instalações de banhos originais.

| Palace Hotel

Com construção iniciada muito antes, o Palace Hotel só começou a ser utilizado em 1931, após sofrer reformas e adquirir mobiliário necessário ao seu funcionamento. Suas fachadas, envoltas por belos jardins, são guarnecidas por varandas que permitem desfrutar a paisagem local.

| Parque Infantil Darcy Vargas

Localizado na parte sul do Complexo, ocupa aproximadamente 150 metros quadrados e é ocupado por brinquedos de estrutura metálica, distribuídos sobre areia ou entre árvores isoladas.

| Praça Getúlio Vargas

Destaca-se pelos efeitos de seus jardins, onde predominam as florações de diversas espécies vegetais. Nela está o Relógio Floral, inaugurado em 1972 em homenagem ao primeiro centenário da cidade, com números feitos com grama, flores e pequenas plantas.

Referência: Dossiê de Tombamento do Complexo Hidrotermal e Hoteleiro – Poços de Caldas.



No alto da página, o Palace Hotel; acima, Relógio Floral da Praça Getúlio Vargas



Joana d'Arc, heroína da Guerra dos Cem Anos

Filha de camponeses, Joana d'Arc nasceu em Domrémy, na região francesa de Barrois, em 6 de fevereiro de 1412. Desde pequena, distinguiu-se por sua índole piedosa e devota e, aos 13 anos, afirmava ouvir vozes divinas exortando-a a ser boa e a cumprir seus deveres cristãos. Conta-se que, mais tarde, a voz de Deus ordenou-lhe que libertasse a cidade de Orléans do jugo inglês. Seguindo a orientação divina e movida por sua fé inquebrantável, Joana d'Arc acabou contribuindo de forma decisiva para mudar o rumo da Guerra dos Cem Anos, entre França e Inglaterra.

Em 1429, com apenas 17 anos, deixou sua casa e obteve de Robert de Baudricourt, capitão da guarnição de Vaucouleurs, uma escolta para guiá-la até Chinon, onde se achava o rei da França, Carlos VII, então escarnecido como "rei de Bourges" em alusão às reduzidas proporções de seus domínios.

Reprodução



A tela *Joana D'Arc na Coroação de Charles VII na Catedral de Reims*, pintada por Jean-Auguste Ingres, é de 1854 e encontra-se no Museu do Louvre, em Paris

A França estava praticamente toda em mãos dos ingleses. Os borgonheses, aliados dos ingleses, com a cumplicidade de Isabel da Baviera, entregaram a nação ao domínio britânico, pelo Tratado de Troyes. Inspirada por extraordinário patriotismo, Joana comunicou ao rei a insólita missão que recebera de Deus. Nesse encontro, assombrou a todos pela segurança com que se dirigiu ao rei, que lhe entregou o comando de um pequeno exército para socorrer Orléans, então sitiada pelos ingleses há oito meses. No caminho, a atitude heróica da humilde camponesa atraiu adesões para as tropas que comandava.

Chegando a Orléans, Joana intimou o inimigo a se render. O entusiasmo dos combatentes franceses, fortalecido pela estranha figura da aldeã-soldado, fez com que os ingleses levantassem o sítio da cidade. O feito glorioso de Joana d'Arc, pelo qual foi cognominada a Virgem de Orléans, aumentou seu prestígio, mesmo entre os soldados inimigos, e alimentou a crença em seu poder sobrenatural. Sua coragem efetivamente ergueu o espírito abatido da França. Joana d'Arc, porém, ambicionava nova missão: levar o rei Carlos VII para ser sagrado na catedral de Reims, como era tradição na realeza francesa, o que ocorreu em 17 de julho de 1429. Na tentativa que se seguiu da retomada de Paris, a heroína foi ferida, o que contribuiu para aumentar o patriotismo de seus conterrâneos.

No ataque que empreendeu a Compiègne, em maio de 1430, Joana foi aprisionada pelos borgonheses. Em lugar de executá-la sumariamente, como poderiam ter feito, preferiram planejar uma forma de privá-la da auréola de santa por meio da condenação por um tribunal espiritual. No jogo de interesses políticos que envolveu sua figura de heroína, Joana d'Arc acabou não encontrando apoio por parte do rei.

Em junho, o bispo Pierre Cauchon surgiu no acampamento onde se encontrava a prisioneira, e conseguiu que ela fosse vendida aos ingleses. Ambicioso, desejando obter o bispado de Rouen, então vago, Cauchon queria agradar aos donos do poder. Sem direito a defensor, confinada numa prisão laica e guardada por carcereiros ingleses, Joana d'Arc foi submetida por Cauchon a um processo por heresia, mas, segundo o texto do processo, enfrentou os juizes com grande serenidade.

Para transformar a pena de morte em prisão perpétua, assinou uma abjuração em que prometia, entre outras coisas, não mais vestir roupas masculinas, como forma de demonstrar sua subordinação à Igreja. Dias depois, por vontade própria ou por imposição dos carcereiros ingleses, voltou a envergurar roupas masculinas. Condenada à fogueira por heresia, foi supliciada publicamente, sendo queimada viva, na Praça do Mercado Vermelho, em Rouen, em 30 de maio de 1431. A Igreja Católica beatificou-a em 1909 e, em 1920, foi canonizada pelo papa Bento XV.

Bibliografia:

www.e-biografias.net
www.feranet21.com.br